

OS TECIDOS DO PODER NA SOCIEDADE BRASILEIRA: UM ESTUDO DOS DISCURSOS QUE PRODUZEM SENTIDOS, SUBJETIVIDADES E HEGEMONIAS

THE FABRICS OF POWER IN BRAZILIAN SOCIETY: A STUDY OF THE DISCOURSES THAT PRODUCE MEANINGS, SUBJECTIVITIES AND HEGEMONIES

Rodrigo Felipe Veloso*

Ao contrário do que em geral se crê, sentido e significado nunca foram a mesma coisa, o significado fica-se logo por aí, é direto, literal, explícito, fechado em si mesmo, unívoco, por assim dizer; ao passo que o sentido não é capaz de permanecer quieto, fervilha de sentidos segundos, terceiros e quartos, de direções irradiantes que se vão dividindo e subdividindo em ramos e ramilhos, até se perderem de vista, o sentido de cada palavra parece-se com uma estrela quando se põe a projetar marés vivas pelo espaço fora, ventos cósmicos, perturbações magnéticas, aflições. (José Saramago).

O dizer nunca é inocente: ele traz em si a história de quem fala e o silêncio de quem foi silenciado. (Rodrigo Felipe Veloso).

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo problematizar os modos como o poder se inscreve nas práticas de linguagem, no intuito de evidenciar como as formações discursivas operam na produção de sentidos, legitimam desigualdades, naturalizam exclusões e instauram regimes de verdade no espaço público brasileiro. Partimos da hipótese de que os discursos cotidianos, ao mesmo tempo em que refletem estruturas de poder, também as produzem e reproduzem, sustentando subjetividades

* Pós-doutor em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e doutor em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Professor no curso de Letras da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. Membro permanente do Núcleo de Estudos Judaicos (NEJ - UFMG), do Grupo Interdisciplinar de Estudos Literários Lusófonos (GIELLUS - UEPB), sobre a diáspora e memória na literatura de escritoras judias no Brasil (UNIMONTES) e no projeto de extensão Resgatando a dignidade e a liberdade por meio da leitura (UNIMONTES). Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-7840-584X>. E-mail: rodrigof_veloso@yahoo.com.br.

e hegemonias que moldam o imaginário social. Utilizamos como metodologia a Análise de Discurso de linha francesa, de caráter qualitativo e interpretativo, fundamentada em Michel Foucault, Michel Pêcheux e autores contemporâneos. O corpus foi constituído a partir da seleção de materiais discursivos, reportagens de jornais impressos e digitais, campanhas institucionais, pronunciamentos políticos e publicações em redes sociais de órgãos oficiais, que tematizam segurança pública, políticas de saúde e movimentos sociais no Brasil entre 2011 e 2025. A análise foi desenvolvida em três etapas: identificação das formações discursivas, descrição das posições-sujeito e interpretação dos efeitos de sentido, buscando compreender como o poder circula, se naturaliza e se mantém nos discursos que atravessam a vida social.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso; Poder; Formações Discursivas.

ABSTRACT: This article, entitled “The Fabrics of Power in Brazilian Society: A Study of Discourses that Produce Meanings, Subjectivities, and Hegemonies,” aims to problematize the ways in which power is inscribed in language practices, demonstrating how discursive formations operate in the production of meanings, legitimize inequalities, naturalize exclusions, and establish regimes of truth in the Brazilian public sphere. We start from the hypothesis that everyday discourses, while reflecting power structures, also produce and reproduce them, sustaining subjectivities and hegemonies that shape the social imaginary. Our methodology is based on French-style Discourse Analysis, of a qualitative and interpretive nature, grounded in the work of Michel Foucault, Michel Pêcheux, and contemporary authors. The corpus was constituted from the selection of discursive materials, newspaper and digital news reports, institutional campaigns, political statements, and social media publications from official bodies, that address public security, health policies, and social movements in Brazil between 2011 and 2025. The analysis was developed in three stages: identification of discursive formations, description of subject positions, and interpretation of the effects of meaning, seeking to understand how power circulates, is naturalized, and maintained in the discourses that permeate social life.

KEYWORDS: Discourse Analysis; Power; Discursive Formations.

INTRODUÇÃO

Os discursos que atravessam o espaço social não apenas informam, mas também aquiescem formas de ver, sentir e agir no mundo. A linguagem, em qualquer contexto social, opera como prática atravessada por relações de poder e, portanto, nunca atua de modo inocente ou desinteressado. No caso do Brasil, tais relações se intensificam e se tornam mais visíveis em função das hierarquias históricas que estruturam a vida social. Ela participa ativamente da produção de subjetividades, naturalizando determinadas visões de mundo e silenciando

outras. Assim, os discursos tornam-se operadores simbólicos que instituem regimes de verdade e legitimam práticas sociais diversas, muitas vezes desiguais e excludentes.

O contexto brasileiro, marcado por profundas desigualdades históricas e estruturais, oferece um terreno fértil para a análise dos efeitos da linguagem na constituição dos sujeitos. As práticas discursivas, ao articularem saber e poder, participam ativamente da constituição de sujeitos e da regulação social. No contexto brasileiro, marcado pela persistência da colonialidade e por heranças históricas de colonização e escravização, esses mecanismos discursivos se atualizam nas formas contemporâneas de exclusão e marginalização, operando como tecnologias de controle e normatização que modulam identidades e comportamentos segundo matrizes de raça, classe, gênero e sexualidade.

Este artigo se propõe a investigar os modos pelos quais o poder se manifesta nas práticas de linguagem, a partir de uma abordagem analítico-discursiva. Tal perspectiva concebe o discurso como prática social e histórica, e não como mero reflexo da realidade. A análise concentra-se nas formações discursivas que, ao se instituírem como hegemônicas, sustentam relações assimétricas e operam mecanismos de exclusão. Com base em teóricos como Michel Foucault (1987; 1999), Eni Orlandi (2015) e Michel Pêcheux (1997; 2009), busca-se compreender como os discursos produzem efeitos de sentido que naturalizam desigualdades e obscurecem os conflitos inerentes ao tecido social.

A linguagem, nesse sentido, não é um instrumento neutro ou transparente, mas um campo de disputa atravessado por interesses, ideologias e saberes. Cada enunciação carrega consigo marcas históricas e posicionamentos subjetivos, evidenciando que toda produção de sentido está imersa em relações de poder. Disputas simbólicas por reconhecimento, pertencimento e legitimidade se dão, portanto, também no plano discursivo, onde se constroem os contornos do que é dito, do que pode ser dito e do que deve ser silenciado.

Ao iluminar os processos discursivos que sustentam determinadas estruturas sociais, este estudo pretende contribuir para a compreensão crítica das formas contemporâneas de dominação e resistência. Analisar os modos de produção de sentido implica, assim, questionar os alicerces ideológicos que sustentam o *status quo* e vislumbrar possibilidades de ressignificação. Afinal, se os discursos produzem realidades, também podem ser reconfigurados como estratégias de transformação social.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: PODER, SABER E LINGUAGEM - MICHEL FOUCAULT E OS REGIMES DE VERDADE

Michel Foucault foi um dos primeiros pensadores a desestabilizar a noção tradicional de poder como algo centralizado, exercido exclusivamente por instituições formais, como o Estado, o exército ou o sistema judiciário. Em vez disso, propôs uma compreensão mais difusa e complexa, segundo a qual o poder se distribui em redes, funcionando de maneira capilar por meio de práticas sociais, saberes e dispositivos cotidianos. Essa perspectiva rompe com a visão jurídica e repressiva do poder, abrindo caminho para uma análise mais sutil e abrangente das formas de dominação que operam nos interstícios da vida social.

Segundo Foucault, o poder não se impõe apenas de cima para baixo, mas circula em todas as direções, atravessando corpos, discursos, instituições e normas sociais. Em obras fundamentais como *Vigiar e Punir* (1987) e *A História da Sexualidade* (1999), ele evidencia como o poder se inscreve nas práticas discursivas que regulam o comportamento, controlam os corpos e produzem subjetividades. Nessa lógica, o poder não apenas reprime, mas também produz: ele fabrica saberes, verdades e modos de ser. O discurso, nesse contexto, é um dos principais operadores do poder, pois define os limites do pensável, do dizível e do aceitável.

A genealogia proposta por Foucault permite compreender como determinadas práticas discursivas, ao se afirmarem como verdadeiras, legitimam formas específicas de conhecimento e exclusão. Por exemplo, o discurso médico sobre a loucura ou o discurso jurídico sobre o crime não apenas descrevem realidades, mas as constituem, estabelecendo fronteiras entre o normal e o patológico, o lícito e o ilícito. Assim, o saber e o poder tornam-se indissociáveis: toda produção de saber está implicada em relações de poder, e todo exercício de poder implica uma forma de saber.

Além disso, Foucault introduz a noção de *biopoder*, um modo de exercício do poder que não se limita mais a tirar a vida ou deixá-la viver, mas que se orienta para “fazer viver e deixar morrer”. A vida dos indivíduos e das populações passa a ser gerida, controlada e otimizada por meio de estatísticas, normas higiênicas, políticas de saúde, educação e sexualidade. Essa forma de poder opera de modo silencioso e eficaz, promovendo uma normatização generalizada dos corpos e dos comportamentos, ao mesmo tempo em que oculta suas estratégias sob o manto da racionalidade científica ou do bem comum.

Dessa forma, a contribuição de Foucault para os estudos do discurso e das relações de poder é decisiva: ele nos mostra que o poder não reside apenas nas instituições visíveis, mas nas práticas aparentemente neutras e cotidianas, nas enunciações que regulam o saber, nas normas que definem o que pode ser dito e vivido. Pensar o discurso como lugar de exercício do poder implica reconhecer que as palavras não apenas representam a realidade, mas a constroem e, nesse gesto, organizam também quem pode falar, a partir de onde, e com que

legitimidade. Sendo assim, desvelar as tramas discursivas é também um gesto político, capaz de expor e resistir aos mecanismos sutis de sujeição.

MICHEL PÊCHEUX E A MATERIALIDADE DO DISCURSO

Michel Pêcheux, influenciado pelas teorias de Louis Althusser e Jacques Lacan, é um dos principais teóricos responsáveis por fundar a Análise de Discurso de orientação materialista na França, rompendo com a concepção de linguagem como instrumento neutro ou mera representação transparente da realidade. Em sua proposta, o discurso é concebido como lugar de materialização da ideologia e do inconsciente, ou seja, como um processo atravessado por determinações históricas, sociais e psíquicas. Não se trata, portanto, de pensar o discurso como uma expressão intencional e consciente do sujeito, mas como efeito de sentidos produzidos por formações discursivas determinadas.

Para Pêcheux, o discurso não é simplesmente o que se diz, mas o que pode ser dito sob determinadas condições ideológicas. É nesse sentido que ele propõe o conceito de formação discursiva, definido como o conjunto das condições históricas, sociais e ideológicas que determinam o que um sujeito pode ou não pode dizer em um dado momento. Cada formação discursiva está ligada a uma formação ideológica, e, por conseguinte, os sujeitos que nela se inscrevem falam a partir de posições determinadas por essas forças. Isso implica que o sujeito não é origem do sentido, mas efeito de discursos anteriores que o atravessam e o constituem.

Essa concepção rompe com o sujeito transparente e autônomo da tradição cartesiana, propondo, em seu lugar, um sujeito clivado, contraditório e constituído pela linguagem. Na Análise de Discurso, o sujeito é interpelado pela ideologia, no sentido althusseriano do termo e, ao mesmo tempo, marcado pelo inconsciente, que deixa rastros e falhas nos sentidos produzidos. Assim, o discurso se apresenta sempre como um espaço de deslize, de deslocamento e de incompletude, em que o dito está sempre em tensão com o não dito, com o silenciado e com o reprimido.

Outro conceito central em Pêcheux é o de interdiscurso, que se refere à rede de outros discursos que atravessa toda enunciação. Todo dizer é sempre repetição e deslocamento de outros dizeres, carregando marcas de sentidos anteriores. Isso significa que o sentido não está contido nas palavras em si, mas é produzido na relação com outros discursos, com a memória discursiva e com as posições ideológicas dos sujeitos. O discurso, portanto, é um espaço de luta simbólica, em que diferentes posições discursivas disputam a hegemonia sobre os sentidos das palavras e das coisas.

A teoria pêcheuxtiana permite compreender que os discursos são lugares estratégicos de manutenção ou contestação das ideologias dominantes. Ao analisar os mecanismos discursivos que sustentam determinadas posições de saber-poder, é possível evidenciar como certas

verdades se constituem como naturais ou universais, quando, na verdade, são construções históricas e ideológicas. Essa perspectiva é especialmente produtiva em contextos marcados por desigualdade social – como o brasileiro – onde os discursos hegemônicos tendem a re-produzir estruturas de dominação e exclusão.

Em síntese, Michel Pêcheux oferece uma intensa ferramenta teórico-metodológica para pensar a linguagem como campo de forças e de conflitos. Sua proposta nos convida a escutar o discurso não apenas pelo que ele diz, mas também pelo que ele cala, pelos efeitos de sentido que mobiliza e pelas formações ideológicas que sustenta. Desnaturalizar o discurso é, nesse sentido, um gesto político e crítico, que permite interrogar os modos pelos quais os sujeitos são produzidos, posicionados e hierarquizados na ordem simbólica da linguagem.

SUJEITO, IDEOLOGIA E FORMAÇÕES DISCURSIVAS

Na Análise de Discurso de linha francesa, o sujeito não é concebido como autônomo, transparente ou soberano, mas como um efeito do discurso. Essa concepção rompe com a ideia iluminista de um sujeito racional e consciente, capaz de controlar plenamente seus atos de fala. Ao contrário, o sujeito é visto como atravessado por formações discursivas que o antecedem e o constituem. Ele não é o centro produtor de sentidos, mas o ponto de articulação de múltiplas determinações sociais, ideológicas e históricas que se atualizam na linguagem.

Esse sujeito é, portanto, constituído na linguagem e por meio dela. Sua identidade não é fixa nem essencial, mas construída nas relações discursivas em que se insere. A cada enunciação, o sujeito se posiciona em um lugar discursivo que já está previamente dado por uma formação ideológica. Falar é, assim, assumir uma posição de sujeito, marcada por determinadas condições de produção que o autorizam ou o limitam. Nesse processo, ele tanto reproduz como pode tensionar os sentidos que circulam socialmente.

Ao ocupar essas posições em formações discursivas específicas, os sujeitos reproduzem ou deslocam saberes e poderes. Isso significa que o discurso não é apenas um reflexo das estruturas sociais, mas também um espaço onde essas estruturas são negociadas, contestadas ou reafirmadas. Cada dizer está atravessado por relações de poder que delimitam o campo do dizível e do pensável. Os sujeitos, ao falarem, mobilizam essas forças discursivas, ora reafirmando os sentidos hegemônicos, ora produzindo fissuras que abrem brechas para a emergência de novos sentidos.

Nesse quadro teórico, a ideologia não é compreendida como engano ou ilusão, como em concepções tradicionais, mas como condição de possibilidade dos sentidos. Inspirado por Louis Althusser, Michel Pêcheux entende a ideologia como o modo pelo qual os indivíduos são interpelados como sujeitos. É a ideologia que permite que os sujeitos se reconheçam nos

discursos e assumam posições dentro deles. Por isso, não se pode escapar da ideologia: ela está no próprio funcionamento da linguagem e estrutura o modo como compreendemos a realidade.

A produção de sentidos, então, está sempre ligada à posição ideológica ocupada pelo sujeito. Não existe discurso neutro ou puramente objetivo, pois todo enunciado é atravessado por disputas de sentido e por interesses sociais. Assim, a análise discursiva exige atenção não apenas ao conteúdo do que é dito, mas também às condições em que se diz, às posições de sujeito que se instituem e às ideologias que sustentam essas posições. A linguagem torna-se, assim, um campo estratégico de luta simbólica, onde o sujeito é simultaneamente efeito e operador de sentido.

Em suma, a noção de sujeito na Análise de Discurso (AD) desafia visões essencialistas e individualistas, propondo uma leitura mais complexa e crítica da constituição subjetiva. Os sujeitos são forjados em meio às contradições da ideologia, entre o que dizem, o que desejam dizer e o que são levados a dizer. O discurso, por sua vez, aparece como o lugar onde essas tensões se manifestam, revelando a historicidade dos sentidos e a incompletude da subjetividade. Com isso, a AD oferece instrumentos potentes para pensar a linguagem como instância constitutiva da experiência social e subjetiva.

METODOLOGIA

Utilizamos a Análise de Discurso de linha francesa como metodologia qualitativa e interpretativa. O *corpus* foi constituído por meio da seleção de materiais discursivos (reportagens de jornais impressos e digitais, campanhas de comunicação institucional, pronunciamentos políticos e publicações em redes sociais de órgãos oficiais) que tematizam segurança pública, políticas de saúde e movimentos sociais no Brasil entre os anos de 2011 e 2025.

A análise concentrou-se em três etapas principais: (1) identificação das formações discursivas predominantes nos enunciados; (2) descrição das posições-sujeito que emergem nos textos; e (3) interpretação dos efeitos de sentido produzidos, com atenção às estratégias discursivas que naturalizam relações de poder e exclusão. A abordagem é exploratória e descritiva, sem pretensão de esgotamento, mas com o objetivo de evidenciar como o poder opera nos discursos cotidianos.

ANÁLISE DISCURSIVA DE TEMAS CONTEMPORÂNEOS - A SEGURANÇA PÚBLICA E O DISCURSO DA VIOLÊNCIA: ENTRE O MEDO E O CONTROLE

Conforme propõe Orlandi (2015), a Análise de Discurso não se limita a descrever a materialidade linguística, mas busca compreender o modo como os sentidos se constituem historicamente nas relações entre linguagem, sujeito e ideologia. A autora enfatiza que o discurso é atravessado por formações ideológicas que determinam o que pode ou não ser dito, configurando-se como um espaço de disputa simbólica e de produção de subjetividades.

Essa perspectiva dialoga diretamente com os objetivos desta pesquisa, que problematiza os modos como o poder se manifesta nas práticas discursivas sobre segurança pública, políticas de saúde e movimentos sociais no Brasil. Ademais, é possível compreender que os discursos analisados não apenas refletem a realidade social, mas também a produzem, sustentando regimes de verdade que legitimam determinadas posições-sujeito e marginalizam outras.

A segurança pública, no contexto brasileiro, configura-se como um dos campos discursivos mais tensos e heterogêneos da contemporaneidade. Nela se entrecruzam discursos estatais, midiáticos e populares que, embora distintos, compartilham uma mesma matriz de sentidos sustentada por memórias discursivas de controle e exclusão. Esses enunciados se organizam em torno de formações discursivas que associam a segurança à repressão e à ordem, reproduzindo, em nível simbólico, o funcionamento histórico da dominação de classe e raça no país.



Fontes: Portal Geledés, 30/11/2011 e Câmara dos Deputados, 17/06/2023.

Nas formações discursivas analisadas, observa-se a recorrência de formulações que naturalizam a violência como atributo inerente a determinados sujeitos sociais, sobretudo jovens negros e moradores de periferias. Essa regularidade não é fortuita: ela se ancora em um interdiscurso que, desde o período colonial, produz o “outro perigoso” como figura

necessária para a manutenção do imaginário da segurança e da ordem. Desse modo, o dizer sobre o “combate ao crime” ou sobre a “guerra às drogas” não apenas descreve a realidade, mas a constitui discursivamente, delimitando quem é o “nós” protegido e quem é o “eles” a ser contido, vigiado ou eliminado.

Do ponto de vista interpretativo, esse funcionamento discursivo materializa um dispositivo ideológico de subjetivação, no qual o sujeito policial, o legislador e o cidadão comum se reconhecem e são reconhecidos como partícipes de uma mesma racionalidade punitiva. Ao mesmo tempo, os discursos contra-hegemônicos, oriundos de movimentos sociais, coletivos negros e organizações de direitos humanos, buscam deslocar esses sentidos estabilizados, reinscrevendo a segurança como direito e não como privilégio. Contudo, tais enunciados são frequentemente desqualificados, revelando o modo como o campo discursivo se fecha sobre si mesmo e produz resistência à transformação.

Assim, o discurso hegemônico sobre segurança pública opera, à maneira pecheutiana, como uma formação discursiva que regula o dizível e o indizível: define as posições de sujeito possíveis, institui fronteiras entre o normal e o perigoso, e assegura a permanência das hierarquias sociais sob a aparência de neutralidade institucional. Ao naturalizar a violência contra corpos racializados e periféricos, esse discurso reafirma a historicidade das exclusões e expõe o modo como o poder se materializa na linguagem, constituindo sujeitos e sustentando hegemonias no Brasil contemporâneo.

POLÍTICAS DE SAÚDE E OS ENUNCIADOS DA GESTÃO DE CORPOS

A saúde pública, assim como a segurança, constitui um dos espaços privilegiados de enunciação de discursos que operam na intersecção entre saber e poder. A medicalização da vida, a gestão dos corpos e a produção de normalidades são aspectos centrais do discurso biomédico contemporâneo. Inspirando-se na noção foucaultiana de biopoder, compreendemos que os discursos sobre saúde não apenas descrevem realidades, mas também as produzem, ao instituírem o que deve ser cuidado, controlado ou descartado.

5 anos da pandemia de Covid: especialistas falam sobre impactos do negacionismo em um dos 'maiores desafios da ciência e da saúde pública'

Problemas começaram em 2020, com os primeiros passos para o isolamento que viria logo
com os primeiros casos. Registros também foram feitos com relação à vacina.

Por **Marcel Simoes**, **Matheus Amado**, **g1** Saúde e Justiça
12/03/2025 07h02 | Atualizado há 3 meses

PROCEMA DE CORONAVIRUS

'Fila da xepa' das vacinas em São Paulo mostra corrida pela sorte por sobras da Coronavac

Quem está na longa fila para tomar a "sobra" da vacina contra a covid-19 não
desgruda do celular e chega a ir ao posto de saúde com medo de perder a vez
e perder o lugar

Fontes: Portal G1, 12/03/2025 e El País, 01/04/2021.

No contexto da pandemia da Covid-19, por exemplo, observamos uma disputa acirrada entre diferentes regimes de verdade sobre a doença, seus efeitos e os modos de enfrentamento. Enquanto o discurso científico buscava estabelecer protocolos e diretrizes, discursos políticos concorrentes emergiam com enunciados negacionistas, deslegitimando instituições de saúde e desinformando a população. Nesse jogo, produziu-se uma fragmentação da autoridade discursiva e uma precarização dos laços de confiança entre sujeito e saber institucional.

Enunciados como “a vacina é experimental”, “não é uma gripezinha” ou “cada um cuida de si” revelam formações discursivas em disputa. Por um lado, há um discurso técnico-científico que busca gerir a vida por meio de estatísticas, evidências e medidas sanitárias. Por outro, discursos populistas, ancorados em posições anti-intelectualistas, mobilizam o medo, a dúvida e o individualismo como estratégias de subjetivação. Os efeitos de sentido dessa disputa impactam diretamente as políticas públicas e a constituição do sujeito doente, do sujeito curável, do sujeito descartável.

Além disso, os discursos sobre saúde pública no Brasil frequentemente reiteram desigualdades regionais, raciais e econômicas. Campanhas de prevenção são, muitas vezes, construídas a partir de um sujeito ideal (urbano, branco, escolarizado) o que marginaliza outras realidades. O discurso da saúde, ao mesmo tempo em que se apresenta como neutro e técnico, opera como um dispositivo de normalização e controle, traçando fronteiras entre o “normal” e o “patológico”.

A análise dos discursos institucionais do Sistema Único de Saúde (SUS), por exemplo, revela uma tensão entre os princípios universais do cuidado e as práticas de exclusão silenciosa. Enunciados como “usuário do sistema”, “fila de espera” e “atendimento prioritário” constroem uma semântica da escassez e da espera, na qual o cuidado é convertido em privilégio regulado.

Em suma, as políticas de saúde revelam-se como um campo discursivo em que o poder atua na produção de subjetividades medicalizadas, vulneráveis ou resistentes. A gestão dos corpos se dá pela circulação de sentidos que modulam afetos, normatizam condutas e instituem modos legítimos de existir no espaço público. Ao tensionar esses discursos, desvelamos

as estratégias pelas quais o biopoder se infiltra nos interstícios da linguagem, afetando os modos de vida no Brasil contemporâneo.

MOVIMENTOS SOCIAIS E O EMBATE ENTRE DISCURSO HEGEMÔNICO E CONTRA-IDENTIFICAÇÕES

A emergência de movimentos sociais no Brasil contemporâneo coloca em cena um embate direto com os discursos hegemônicos que definem os modos legítimos de ser, agir e existir na sociedade. O campo discursivo se torna arena de disputa simbólica, onde sentidos cristalizados são tensionados por enunciados contra-hegemônicos que buscam visibilizar experiências historicamente silenciadas. Essa tensão é constitutiva do campo social e evidencia os processos de subjetivação alternativos que desafiam a normatividade instaurada.



Fontes: El País, 31/12/2018 e CNN, 10/08/2022.

Movimentos como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o Movimento Negro Unificado (MNU), o movimento indígena, os coletivos feministas e LGBTQIAPN+ produzem discursos que confrontam estruturas de poder racializadas, patriarcais, cisheteronormativas e colonialistas. Suas práticas discursivas desestabilizam o consenso aparente que sustenta os regimes de verdade dominantes e propõem deslocamentos nos modos de significar o corpo, o território e a cidadania.

Ao analisarmos enunciados desses movimentos (manifestos, faixas, postagens em redes sociais, falas públicas) observamos uma reconfiguração das posições-sujeito. Os sujeitos “marginalizados” reivindicam não apenas reconhecimento, mas o direito de narrar-se, de produzir saber sobre si e sobre o mundo. Essa insurgência discursiva constitui o que Pêcheux denominaria de “contra-identificações discursivas”, ou seja, formações que não apenas divergem do discurso dominante, mas que o enfrentam, pondo em crise seus efeitos de sentido e sua pretensa universalidade.

O enfrentamento discursivo, no entanto, não ocorre sem resistência. A reação dos discursos hegemônicos se manifesta em estratégias de silenciamento, criminalização e deslegitimação. O discurso institucional recorre a categorias como “baderna”, “ameaça à ordem” ou “minorias barulhentas” para desqualificar os enunciados insurgentes. Tais nomeações não são neutras: carregam consigo efeitos de exclusão e tentativa de reabsorção das vozes dissonantes nos moldes normativos.

É exemplar, nesse sentido, o tratamento discursivo dado pela mídia a manifestações sociais. Quando grupos dominantes protestam, os discursos tendem a empregar termos como “manifestação pacífica” ou “exercício democrático”; já os movimentos populares são frequentemente descritos como “invasões”, “quebra-quebra” ou “atos de vandalismo”. Essa assimetria discursiva revela o funcionamento ideológico da linguagem e sua participação na manutenção das hierarquias sociais.

Por outro lado, os contra-identificações também operam como espaços de criação de novos léxicos, de neologismos políticos e de ressignificações. Expressões como “corpos dissidentes”, “territórios em disputa”, “quilombismo”, “epistemologias do sul”, entre outras, constituem enunciados que articulam resistência e saber. Como nos lembra Foucault (1979), onde há poder, há resistência — e essa resistência se inscreve, em grande medida, nos jogos discursivos.

Assim, os movimentos sociais produzem sujeitos que se recusam à sujeição normativa, que ocupam a linguagem para disputar sentidos, que desconstroem categorias estigmatizantes e instituem outras formas de nomear o mundo. É no plano da discursividade que a política da existência se joga, e é por meio da palavra que os silenciados constroem sua presença.

A análise crítica dessas práticas discursivas evidencia que o poder não é apenas repressor, mas produtivo: produz sujeitos, mas também permite a emergência de outros. O campo discursivo brasileiro é, portanto, um espaço de intensa fricção entre estruturas hegemônicas e movimentos insurgentes, entre o instituído e o instituinte, entre o silêncio e o grito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou refletir sobre os modos como o poder se inscreve nos discursos que circulam na sociedade brasileira, que aquiescem sujeitos, regulam práticas e instauram regimes de verdade. A partir da Análise de Discurso de linha francesa, com aportes de Michel Foucault e Michel Pêcheux, buscou-se compreender como as práticas de linguagem, longe de serem neutras, participam da produção e da manutenção das relações de poder. Os discursos sobre segurança pública, políticas de saúde e movimentos sociais revelaram-se espaços privilegiados para observar o entrelaçamento entre saber e poder, mostrando que a linguagem

é uma arena onde se travam disputas simbólicas e ideológicas pela definição do sentido e da legitimidade.

Os resultados da análise evidenciam que os discursos hegemônicos funcionam como dispositivos de naturalização das desigualdades, produzindo efeitos de verdade que sustentam a exclusão e o controle social. Ao mesmo tempo, verificou-se a emergência de vozes dissonantes que tencionam, interpelam essas formações discursivas, abrindo brechas para novas formas de enunciação e de subjetivação. Esses movimentos de resistência indicam que o discurso é também um campo de luta, no qual se tornam possíveis deslocamentos e reconfigurações de sentido. Assim, compreender o funcionamento discursivo dos poderes instituídos implica reconhecer o papel ativo da linguagem na constituição das realidades sociais.

Por fim, estudar os discursos é um gesto de resistência e de intervenção no mundo. Ao desnaturalizar as verdades aparentemente estáveis, a análise discursiva possibilita vislumbrar outras formas de dizer, de existir e de agir politicamente. O desafio que se coloca à pesquisa é continuar a interrogar os modos pelos quais o poder se infiltra nas palavras, produz subjetividades e legítima hierarquias. Somente ao tensionar o já-dito e ao abrir espaço para o contraditório é que se pode construir uma sociedade mais consciente de suas tramas simbólicas e mais comprometida com a justiça discursiva e social.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas**: as não coincidências do dizer. Trad. Claudia Pfeiffer *et al.* Campinas: Pontes, 1998.

BETIM, Felipe. **As várias faces do MST, o movimento que Bolsonaro quer criminalizar**. *Jornal El País*, 2018. Disponível em: As várias faces do MST, o movimento que Bolsonaro quer criminalizar | Brasil | EL PAÍS Brasil. Acesso em: 10 mar. 2025.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Edmundo Cordeiro. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Trad. Maria Thereza Albuquerque *et al.* Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GARCIA, Amanda; VIDICA, Letícia; BRITO, Letícia. Indígenas da comunidade LGBTQ sofrem “duplo preconceito”, afirma ativista. **Portal CNN**, 2022. Disponível em: Indígenas da

comunidade LGBTQ sofrem “duplo preconceito”, afirma ativista | CNN Brasil. Acesso em: 10 mar. 2025.

GELEDES. **Racismo é principal fator da violência contra jovens negros**. 2011. Disponível em: Racismo é principal fator da violência contra jovens negros. Acesso em: 11 mar. 2025.

JUCÁ, Beatriz. ‘Fila da xepa’ das vacinas em São Paulo mostra corrida pela sorte por sobras da Coronavac. **Jornal El País**, 2021. Disponível em: ‘Fila da xepa’ das vacinas em São Paulo mostra corrida pela sorte por sobras da Coronavac | Atualidade | EL PAÍS Brasil. Acesso em: 11 mar. 2025.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

NEVES, ANA. Combate à violência contra jovens negros depende de enfrentamento ao racismo estrutural, dizem debatedores. **Câmara dos Deputados**, 2023. Disponível em: Combate à violência contra jovens negros depende de enfrentamento ao racismo estrutural, dizem debatedores - Notícias - Portal da Câmara dos Deputados. Acesso em: 10 mar. 2025.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso**. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2009.

SCINOCCA, Marcel; ARRUDA, Matheus. 5 anos da pandemia de Covid: especialistas falam sobre impactos do negacionismo em um dos ‘maiores desafios da ciência e da saúde pública. **Portal G1**, 2025. Disponível em: 5 anos da pandemia de Covid: especialistas falam sobre impactos do negacionismo em um dos ‘maiores desafios da ciência e da saúde pública’ | Sorocaba e Jundiaí | G1. Acesso em: 11 mar. 2025.

SPINK, Mary Jane (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2004.

Recebido para publicação em: 14 jul. 2025.

Aceito para publicação em: 10 nov. 2025.